

Aspectos na sociedade que influenciam na construção da “Utopia do Amor Materno” Uma Análise reflexiva

Aspects in society that influence the construction of the “Utopia of Maternal Love” A reflexive analysis

Ana Clara Baziqueto¹
Médley da Cunha Carneiro²
Vivian Aline Preto³

RESUMO

O amor materno é uma construção e existem diferentes formas e teorias de se compreender o fenômeno do amor materno. Esse estudo tem como objetivo, através de uma análise reflexiva, destacar aspectos históricos, culturais entre outros que influenciam nessa ideia de que mulheres devem sentir desejo por filhos e amor materno de forma genuína. O método foi de revisão através de análises de conteúdos de artigos e livros. Pode-se concluir que essa idealização da maternidade foi construída e raizada há séculos, por meio dos aspectos históricos que abrangem a cultura de cada local, assim como o reforço que as publicações médicas expunham sobre a compreensão do corpo feminino de modo científico.

Palavras - Chave: amor materno, feminilidade, Maternidade, Mulheres mãe.

ABSTRACT

Maternal love is a construction and there are different ways and theories to understand the phenomenon of maternal love. This study aims, through a reflective analysis, to highlight historical, cultural and other aspects that influence this idea that women should feel genuine desire for children and maternal love. The method was a review through content analysis of articles and books. It can be concluded that this idealization of motherhood was built and rooted for centuries, through the historical aspects that cover the culture of each location, as well as the reinforcement that medical publications exposed on the understanding of the female body in a scientific way.

Keywords: maternal love, femininity, Maternity, Women mother.

Introdução

Ao se falar sobre o que é o amor materno é esperado que o digam que este está relacionado ao um conjunto de valores que de acordo com a cultura e o tempo espaço é escolhido para dar significado a este sentimento. Existem diferentes formas e teorias de se compreender o fenômeno do amor materno, porém esta pode ser analisada pelas duas linhas de pensamento: Visão Objetivista de Linguagem e a

¹ Acadêmica do 10º termo do curso de Psicologia no Centro Universitário Católica Salesiano Auxilium – Unisalesiano Campus Araçatuba.

² Acadêmica do 10º termo do curso de Psicologia no Centro Universitário Católica Salesiano Auxilium – Unisalesiano Campus Araçatuba.

³ Enfermeira Doutora, em ciências da saúde, (Especialista) em preceptoría do SUS hospital Sírio Libanês; docente do Centro Universitário Católica Salesiano Auxilium – Unisalesiano Campus Araçatuba.

construtiva ou Pragmática. Para a primeira linha de pensamento o amor materno é considerado um objeto natural, sendo este um sentimento instintivo e universal a todas as mulheres, se dando este no momento em que a mulher se torna mãe. O pensamento Construtivo ou Pragmático compreende que o amor materno se desenvolve em consequência da relação entre a mãe e o seu filho (a), na qual da mesma forma que é construído pode ser desconstruído (MAGALHÃES, 2012).

O olhar da psicanálise quanto a origem do amor materno está ligado ao vínculo afetivo entre mãe e bebê, estabelecido pela satisfação da amamentação ou pelo alívio do desconforto, o que distingue da linha de pensamento Construtivo Pragmático que acredita que a origem do amor materno se constrói independentemente de recompensas (TONY *et al*, 2004 *apud* MAGALHÃES, 2012 p.18).

Para adentrarmos ao tema do trabalho se faz a necessidade de uma definição do que é a utopia. A utopia nasce como um gênero literário criado por Tomas More, na qual ele narra sobre uma sociedade perfeita e justa. Ele emprega o termo utopia um significado negativo como *o não lugar*. Juntamente com o sentido negativo da palavra também se observa em seu discurso o sentido positivo da palavra que simultaneamente com o negativo traz o significado de utopia como lugar nenhum e lugar feliz. Sendo assim esse termo propõe uma ruptura com a totalidade da realidade que é desagradável e má e propõe outra, que seja mais agradável e boa (CHAUÍ, 2008).

O termo então cunhado por Tomas More, se transformou de apenas um título de livro para um termo que evoca o desejo da mudança de uma realidade desumana e opressora. A aqueles que não acreditam na possível mudança, o termo virou sinônimo de fantasia, desejo e loucura. Ao longo dos tempos, muitos outros escritores escreveram sobre a utopia e o que pode se observar das narrativas utópica é que existem várias características de outros tipos de utopia, e o que se prevalece sobre todas elas são a oposição entre a realidade e o ideal. Sendo assim a utopia pode ser classificada em escapistas e heroicas. A primeira se trata de uma utopia que indica o que é o certo e o errado, porém não existe uma ação para que se alcance um e evite o outro. Elas são divididas em três subtipos sendo a utopia de lugar- que falam de lugares (terras e países) que não podem ser encontradas em nenhum mapa; a utopia de tempo- tratando-se do passado e futuro como

desconhecidos e, portanto, oposto ao presente; e pôr fim a utopia de ordem eterna- que condiz com valores carregados pelos sujeitos, como por exemplo valores cristão. A utopia heroica diferentemente age de forma a colocar a idealização em prática (por meio da revolução ou criação artística. Estas possuem dois grupos distintos, os monásticos que não acreditam que a sociedade possa ser transformada e muito menos que o ideal de sociedade possa existir e então fecham-se em grupos para defenderem seus valores (como por exemplo grupos religiosos). O outro grupo são os utópicos políticos que forçam a realidade a se submeterem ao ideal por meio de leis que visam uma reforma que conceba um governo mais justo (POLAK, 2010).

Voltando a discussão do amor materno, ressalta-se que a função materna durante os séculos está ligada a valores sociais em detrimento do período histórico, de acordo com a época, a mulher será considerada em maior ou menor grau uma “boa mãe ou não”. A imagem que se perpetua durante o decorrer dos séculos é o da mãe como um ser preocupado com o seu (sua) filho (a), sacrificado a si mesma em nome deles. Com o movimento feminista as mulheres passaram a expressar seus desejos, trazendo à tona em seus discursos que nem toda mulher tem o desejo de ser mãe, quebrando a ilusão que a mulher nasceu para a maternidade e que está é algo inato a mulher. Com isso cria-se a ideia do mito do amor materno, onde discurso empregado as mulheres nasceram para ser mãe, que lhe é algo natural a elas e que só sendo mãe se completariam como mulher não é mais algo cabível a realidade, pois o amor materno não é inato, mas sim um amor que pode ser apreendido no decorrer da relação que existe entre mãe e bebê (GABATZ, 2013). Portanto quando se fala em utopia do amor materno desejasse discutir a ideia de o amor materno ser considerado um sentimento genuíno na qual toda mulher está destinada a sentir pela (o) filha (o).

Geralmente é esperado que o amor materno surja conforme o nascimento do bebê, mas nos deparamos com uma leva muito grande de mulheres que não se encaixam nesse perfil, pois ao se encontrarem com a criança em seus braços, não sentem necessidade e vontade de ficar com ela e até mesmo de amamentá-la. O amor materno é uma construção, pois não sendo natural, baseia-se numa espécie de compaixão. Nota-se que a maternidade se baseia no narcisismo, pois conforme a psicanálise, os pais da criança criam idealizações sobre a mesma, onde encontram frustrações quando contrariados (BERLINCK, 2014).

A alienação diante ao papel materno que vem há séculos sendo formado e moldado da mesma forma, normalmente deixava as mulheres sem escolha, como se as mesmas não pudessem evita-lo, pois seriam condenadas a moralidade. Da responsabilidade à culpa, julgavam todas as mulheres que não sabiam ou não conseguiam seguir com a maternidade “corretamente” como anormais, desequilibradas, egoístas e maldosas, esse fato era acolhido tranquilamente por algumas mulheres, mas algumas acabavam por ficar frustradas e infelizes (BADINTER, 1985).

A imagem de que a mulher tem amor materno inato foi propagada por gerações, na qual a mulher “deve” suprir todas as necessidades de sua prole, proporcionando afeto, proteção e cuidados múltiplos. A sociedade vem com esse discurso moralizador, cobrando das mulheres amor incondicional por seus filhos, fazendo com que elas se sintam obrigadas a sentir amor mesmo antes de conceber uma criança (TOURINHO, 2006).

Sabemos que esse assunto é algo que mexe muito com as pessoas em questão de valores morais, e conseguimos notar algumas mudanças ao decorrer dos anos com a influência da política e cultura. Ao analisar o assunto, fica claro que o amor materno não é natural, mas sim construído. (LEITE, 2018)

Diante ao apontado esse estudo tem como objetivo, através de uma análise reflexiva, destacar aspectos históricos, culturais entre outros que influenciam nessa ideia de que mulheres devem sentir desejo por filhos e amor materno de forma genuína. Assim, pode-se contribuir com a literatura que estuda o assunto, mulheres que buscam referências sobre o tema e profissionais que atuam junto a essas mulheres.

Método

Essa revisão reflexiva tem o propósito de identificar aspectos históricos, culturais, religiosos e relacionados a saúde que influenciam na construção da utopia do amor maternal, a fim de promover uma compreensão diante a esse assunto por meio de análises de conteúdos de artigos e livro.

Um trabalho de revisão de literatura e ou revisão bibliográfica se refere ao emprego do autor que busca responder questionamentos mediante ao assunto que o mesmo aborda, buscando em trabalhos literários (artigos e livros) um referencial

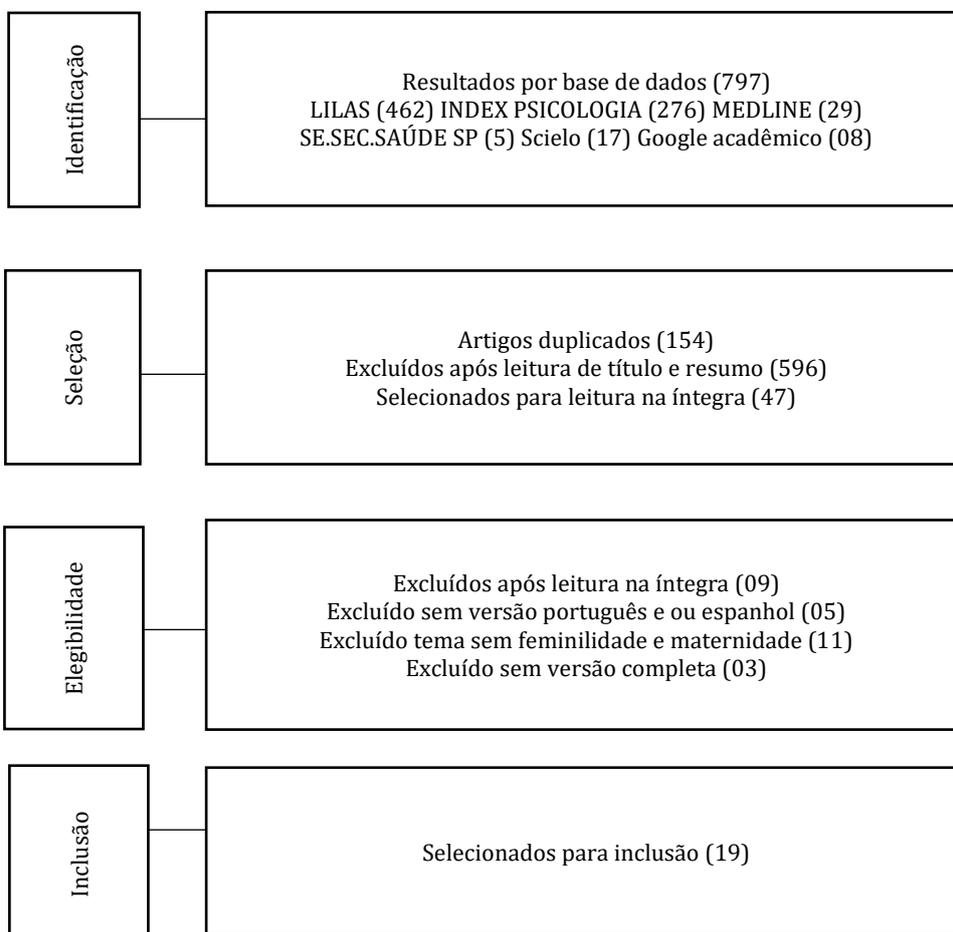
teórico, com propósito da realização do levantamento de dados que possa leva-lo a uma reflexão e ou resposta ao questionamento levantado por ele sobre o assunto em questão que envolve o seu trabalho e ou seu interesse (ECHER, 2001).

Para realização deste artigo a questão norteadora que mobilizou as autoras a efetivação do mesmo foi compreender atreves de uma revisão reflexiva quais aspectos históricos, culturais entre outros que influenciam a ideia de que mulheres devem sentir desejo por filhos e amor materno de forma genuína?

Foi realizado o levantamento bibliográfico no último semestre de 2020 até o final do primeiro semestre de 2021. Foram selecionados artigos de 2001 a 2019. Os artigos selecionados foram retirados das seguintes bases de dados: Google acadêmico, LILACS, INDEX PSICOLOGIA, MEDLINE e Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo. Os descritores utilizados foram: instinto materno, amor materno, feminilidade, maternidade, maternagem e mulheres mães. Os artigos foram encontrados e selecionados por meio de títulos e resumos, e ao ler na íntegra, foram selecionados os artigos a serem usados

Figura – Fluxograma do processo de seleção dos artigos -2001 a 2019.

Figura 1– Fluxograma do processo de seleção dos artigos -2001 á 2019



Realizado a leitura, foram listados os seguintes critérios de inclusão: artigos originais que disponibilizaram o texto completo, artigos com a versão online de forma gratuita, artigos que abordassem o tema a utopia do amor materno. Como critério de exclusão: revisões e artigos que após leitura do título e resumo não estivessem de acordo com o tema, artigos que não estavam disponíveis em português ou espanhol, artigos que não abordassem o tema maternidade e feminilidade, artigos duplicados e artigos com textos incompletos.

Discussão

Atualmente estudos realizados com mulheres que expressam o desejo a não maternidade são mulheres que possuem entre vinte e quarenta e cinco anos de idade. Estas são mulheres casadas e solteiras com grau de instrução de nível superior (mulheres que estão realizando seus mestrados e doutorados e ou são servidoras públicas). Tais mulheres compreende que a maternidade é uma opção da mulher e não mais uma inquisição a completude do que se compreende pela sociedade que seja a identidade feminina. Os estudos apontaram que mulheres que optaram por não terem filhos consideram sua vida profissional uma parte importante de suas vidas assim como a relação com os amigos e a família originária e que mesmo as que constituíram suas próprias famílias se consideram completas sem um filho (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2012).

Com a reorganização e reestruturação dos papéis sociais durante crises como por exemplo a revolução indústria que possibilitou que mulheres saíssem de casa para trabalhar e poderem ajudar no complemento da renda familiar. Com tal mudança as mulheres passaram a conquistar o seu espaço dentro da sociedade, a mesma com o ganho de seu trabalho poderia lhe proporcionar uma independência e autonomia maior para fazer o que desejasse. Novas possibilidades do existir do feminino para além da maternidade era algo que poderia ser alcançado. Nesse novo desenvolvimento do contexto histórico as mulheres passaram a planejar suas vidas e buscarem a sua liberdade financeira e ao desenvolvimento pessoal, buscando outras possibilidades de existir que fossem mais significativas, e que pudessem se sentir realizadas sem necessariamente terem um filho (MACHADO; PENNA; CALEIRO, 2019).

Tais mulheres que optaram pela não maternidade compreende a maternagem como uma experiência que pode ser fantástica, entretanto enfatizam que esse modo de existir (o ser mãe) traz responsabilidades que por vezes podem não ser compatíveis com as suas vidas profissionais. As mesmas relatam que a criança demanda um gasto maior tanto quanto no aspecto financeiro como a de tempo para o cuidado e o carinho e afeto que é essencial para o desenvolvimento deste. Com a escolha a não maternidade elas ressaltam que podem aproveitar mais para se desenvolverem a nível pessoal assim como progredir cada vez mais na função que exercem no trabalho. Para além da questão do desejo de uma carreira profissional bem sucedida, o desejo da não maternidade está relacionada a outros fatores como a história pessoal da mulher e a associação que ela faz entre desejar ter um filho e ter que lidar com o medo e insegurança de não ser suficientemente boa nessa função. Socialmente espera-se que a mulher seja uma boa mãe, funcionária e dona de casa, porém quando a mulher nega a maternidade como parte do seu projeto de vida está vista como egoísta, infértil e ou individualista (FIDELIS; MOSMANN, 2013).

A opção da mulher a não maternidade é vista pela sociedade como um ato escandaloso. De acordo com Machado, Pena e Caleiro (2019), no século XVII ser mãe não era algo tão valorizado e foi somente a partir do século XVIII que os cuidados da mãe a sua criança foram considerados de extrema importância para a sua sobrevivência. Os valores, portanto, mudaram, a mulher passou a ser quem cuida e protege seu lar e seu filho com cuidado e *amorosidade, se tornando a rainha do lar*. Essa nova função dada as mulheres é que dá origem a todo um *culto à maternidade*, onde as mulheres são postas por conta do determinismo biológico como sendo as únicas pessoas que pudessem manter o bem estar de sua prole, assim atrelando a maternidade como condição a feminilidade.

Essa reviravolta da condição de ser mulher e mãe durante o século XVII para o século XIX teve muita influência cultural. Por ser uma época na qual as sociedades eram acometidas por várias doenças e uma alta taxa de mortalidade infantil, a maternidade era terceirizada, sendo estas criadas por amas de leites (escravas da fazenda) por volta dos três anos de idade, e caso sobrevivessem até essa idade as crianças iam morar na casa com seus genitores e ser educadas para se conviver em sociedade como filhos de fazendeiros que eram. Em meados de 1700, quando os

valores familiares e sociais eram reestruturados, a visão de terceirizar os cuidados maternos caiu por terra, trazendo a ideia do mito do amor e instinto materno, segundo o qual a maternagem seria inata e ligada exclusivamente ao sexo feminino, pois somente a mulher pode gerar e amamentar sua prole, o que ocasionalmente fez com que a sociedade pensasse que exclusivamente elas seriam capazes de cuidar e prover as necessidades de seus bebês (GRADVOHI, *et al*, 2014).

Atualmente, há várias pesquisas sobre o tema parentalidade, no qual os dados mostram que as mulheres ainda tendem a se envolver profundamente com seus filhos e o trabalho doméstico, mesmo quando estas trabalham em outras áreas para ajudar na economia familiar, diferente dos homens. Com a necessidade óbvia da divisão de afazeres, a crença de que a relação mãe/filho(a) é básica, fundamental e psicologicamente mais adequada para as fases de desenvolvimento infantil ainda é superior a qualquer ideia de que há a necessidade da conexão pai/filho(a). Com as mudanças na estrutura familiar, faz-se necessário a ampliação de estudos sobre a importância da figura paterna no contexto familiar e no desenvolvimento da criança, pois assim entenderiam que o papel do pai também tem grande significância como o da mãe, podendo trazer mudanças de comportamentos e pensamentos acerca dos homens contemporâneos, algo que não seria fácil pois essas ideias sobre a maternidade vem de séculos, e só o tempo conseguiria fazer com que as pessoas mudassem essa visão completamente (BORSA; NUNES, 2011).

Azevedo (2017) comenta que as mulheres contemporâneas se encontram em um impasse, no qual estão cada vez mais presentes em ambientes trabalhistas conquistando sua independência muitas vezes de forma a realizar um sonho, mas também sentem que estão deixando de constituir família, o que faz gerar um sentimento de tensão encontrado entre os valores atuais e os tradicionais, a quais ainda são cobradas pela família, religião e afins. As modificações na vida das mulheres vêm de demonstrando de uma forma acanhada, já que o sucesso profissional, dedicação aos filhos e familiares ainda são esperados delas, sendo importante destacar que a mídia é um dos principais agentes de divulgação e supervalorização das figuras maternas, deixando o papel do pai/homem em segundo plano.

Com os avanços na sociedade observa que muitas mulheres deixaram de associar a maternidade como algo necessário de acontecer. Um estudo realizado no

Rio de Janeiro com mulheres de faixa etária diferentes, constatou que a maternidade não é mais o principal motivo da realização feminina, segundo o artigo, a construção social está passando por diversas mudanças, na qual, era imposto que as mulheres tinham que optar por terem filhos, mas essa ideia vem se transformando e a maternidade já não é mais uma condição necessária para definir a mulher (BARBOSA; COUTINHO, 2012).

A pesquisa realizada pela universidade do Vale do Rio dos Sinos, notou que algumas mulheres acima de 45 anos que optaram por não terem filhos, sofrem até hoje com a pressão da sociedade. A carreira profissional é indicada como o principal motivo associado a não maternidade, destacando a característica de que todas passaram por relacionamentos conturbados. É possível notar com clareza nesta pesquisa que essas mulheres optaram por seguir suas carreiras e conseqüentemente, colocaram de lado a ideia de serem mães pelo fato de terem relacionamentos fracassados, portanto, escolhendo a não maternidade por terem outros planos de vida (FIDELIS; MOSMANN, 2013).

A opção pela carreira está provavelmente ligada ao desejo que a mulher coloca hoje sobre exercer uma profissão. O trabalho para as mulheres na sociedade contemporânea, surge como exigência e identidade individual, seria um meio de realização e autoafirmação. Em relação a mulher no contexto familiar moderno, se deu início com o desenvolvimento da sociedade capitalista, na qual se redefiniu as relações entre as classes e gêneros. Diante a maternidade, é importante ressaltar a ideia de Badinter (1985) de que o instinto materno não existe, e com o nascimento de um filho, provoca-se modificações na estrutura e dinâmica familiar, podendo ocasionar conflitos com o parceiro. A mulher diante a maternidade normalmente tende a se sentir mal, pois se estiver trabalhando há o desejo de estar junto a seu filho, mas se estiver em casa, sente-se incompleta, ansiando pela independência. A opção encontrada por muitos casais, é a divisão igualitária de tarefas, permitindo que ambos não se sintam sobrecarregados (OLIVEIRA; TRAESEL, 2008).

Ainda como forma de reforçar que a mulher e a maternidade são laços que devam ser eternos e condição primordial a feminilidade, a religião também conceitua e traz para seus seguidores que a maternidade é algo sagrado e tem uma grande significância para as mulheres e sua relação com Deus, já que somente elas tem a dom de gerar filhos esta tem também por obrigação manter os cuidados com

a sua criança, pois também é uma grande influenciadora da construção da identidade pessoal de seu filho e assim discerni-lo a qual caminho ele deva seguir (de acordo com os coiteiros religiosos o bom e o mau caminho). A religiosidade fala do amor materno como um amor genuíno, um amor que nasce e aumenta a cada dia, sendo um amor único e especial, no qual deve ser muito valorizado (CÂMARA, 2015).

O ideal de mãe que reverbera no subconsciente do senso comum é virgem Maria mãe de Jesus. Maria era a representação de como uma mãe boa deveria ser. Carinhosa, cuidadora, que tudo suporta e o faz calada. Ela é vista como um porto seguro, a quem se pode recorrer. Sendo ela a única que pariu sem dor, vista como a mulher “perfeita” e pura que conseguiu fugir do sofrimento do parto, na qual tal sofrimento é considerado pela comunidade religiosa como punição pelo pecado da luxúria cometido pela primeira mulher, na qual condenou todas as outras. A doutrina religiosa via ela como um parâmetro de referência para as mulheres, na qual a sociedade as impõe que sejam mães, atenciosas, cuidadoras, que se dediquem por inteiro aos seus filhos e que esta tem que realizar esse cuidado sem reclamar do trabalho materno, pois somente assim poderiam se redimir do pecado da luxúria, de terem tido relações sexuais (VASQUES, 2014).

No entanto nem todos eram seguidores das doutrinas religiosas e então também a medicina intervém na construção da maternidade trazendo os benefícios e a importância da relação e do contato da mãe e bebê e como poderia somente a mulher-mãe exercer a maternagem. Em 1760, os médicos da época fizeram publicações informando sobre a importância e dever do cuidado materno, na qual uma mãe só era vista como boa se fosse capaz de garantir a criança o cuidado necessário seja financeiro como emocional e higiênico para garantir a sua sobrevivência. Algo que acabou pressionando e sobrecarregando muitas mulheres que já eram submetidas a outros afazeres do lar, e na maioria das vezes sem a ajuda de seu companheiro (GRADVOHI, *et al*, 2014).

Com tudo a maternidade passou a ser tratado como uma política pública, onde os corpos das mulheres eram estudados e vistos somente como um organismo reprodutor. A mulher não era enxergada como um sujeito individualista, social e que tem desejos. Não se acreditavam que poderia coexistir em um mesmo corpo a mulher e a mãe, pois um ou outro se sobressairia e juntamente com a visão de mãe

ideal para o contexto religiosa ser mãe exigiria uma entrega total de si para o filho. Então a interferência no corpo da mulher pelos médicos era justificada por um *cientificismo higienista* que propunha uma educação do corpo feminino. A educação era direcionada a pautas que diziam as mulheres como elas deveriam se portarem com seus corpos e a como realizar os cuidados para com os seus filhos. A comunidade científica e as áreas médicas especializadas no corpo feminino justificavam o controlo do corpo da mulher através de discursos que tal “cuidado” com o corpo feminino era para evitar ações perigosas e consideradas ultrapassadas (VASQUES, 2014).

As publicações médicas e revistas reforçavam aquilo que os homens da sociedade e a igreja ditavam ser o papel da mulher. Os artigos escritos por médicos traziam para os leitores leigos um conhecimento científico que os memos tinham sobre o corpo feminino e se utilizavam destes para dizerem as mulheres o que é ser uma boa mãe. Escritos destes revelam que a mulher que era boa mãe era aquela que cuidava da casa, de seu marido e de seu filho de uma maneira devota. As obras legitimavam a existência de um saber científico de uma verdade *absoluta sobre o corpo feminino e a primeira infância*, assim eles sabendo como as mulheres deveriam agir para manterem seus filhos saudáveis e seguros (ARAUJO,2017).

Desta forma observa-se que mulheres x amor materno durante o percurso histórico e desenvolvimento humanos, assim como o da sociedade, tiveram conceitos e visões diversas de uma mãe ideal, cada qual com explicações e justificativas que contribui a argumentação de porquê mulheres serem as pessoas certa para cuidarem das crianças e fornecer a elas os recursos necessários para se desenvolverem e formar-se bons cidadãos.

Conclusão

Tendo em vista os aspectos observados, é notável os fatos que levam as pessoas a terem a ideia de que mulheres devam sentir desejo por filhos e amor materno genuíno. Deste modo, chegamos à conclusão de que essa idealização da maternidade foi construída e raizada há séculos, por meio dos aspectos históricos que abrangem a cultura de cada local, assim como o reforço que as publicações médicas expunham sobre a compreensão do corpo feminino de modo científico. A religião foi outro fator analisado que influenciou nesta compreensão de mulheres

possuírem tais desejos e assim reproduzindo discursos que idealizavam a mulher mãe tudo o que ela precisa fazer para ser vista como uma boa mãe. Com o intuito de solucionar a questão que norteou esse trabalho, as reflexões feitas através da revisão da literatura de artigos que abordam o tema maternidade, feminilidade e mulheres que optam pela não maternidade.

concluiu-se que o sentimento e o desejo hão maternagem é um construto histórico e social que teve como reforçadores aspectos culturais e científicos que produziram e reproduziram no subconsciente do senso comum o almejo de que todas as mulheres gostariam de procriar, bem como a sua responsabilização em fornecer a prole, condições ao seu desenvolvimento e se necessário para exercer esta função, abdicar de si mesma. Desta forma quando está não abarca as expectativas sociais e seu desejo não condiz com o que o meio espera dela, a mulher que opta pela não maternidade recebe repressões do seu meio social.

Em face do cenário atual, é observado o quão é importante que a sociedade deve ter acesso a essas informações sobre a maternidade, visto que ainda é cultural a ideia de a maternidade ser fundamental na vida de uma mulher, não oferecendo respeito as mulheres que não condizem com essa realidade e optam por não conceber filhos. Ainda que seja um assunto a ser muito discutido, é essencial essa mudança, pois é básico que as mulheres tenham o direito a escolha do que fazer com seus corpos.

Referências Bibliográficas

ARAUJO, Aline de Souza. **Maternidade, medicina e vulgarização científica no século XIX**. Dissertação (mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <[https://www.seo.org.br > download > download](https://www.seo.org.br/download/download)>. Acesso em: 09 de ago. 2021.

AZEVEDO, Rhuama A. **“Amo meu filho, mas odeio ser mãe” Reflexões sobre a ambivalência na maternidade contemporânea**. Monografia (Especialização em psicologia) - Instituto de Psicologia, Porto Alegre, março de 2017. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Amo+meu+filho%2C+mas+odeio+ser+m%C3%A3e%E2%80%9D+Reflex%C3%B5es+sobre+a+ambival%C3%Aancia+na+maternidade+contempor%C3%A2nea&btnG=#d=gs_qabs&u=%23p%3D2GVzgd4e37QJ>. Acesso em: 01 de out. 2021.

BADINTER, Elisabeth. O Amor Ausente. In: **Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S/A, 1985. P 25 – p 26.

BADINTER, Elisabeth. O Amor Forçado. In: **Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S/A, 1985. P 237 – p 238.

BARBOSA, Patrícia Z.; ROCHA-COUTINHO, Maria L.. Ser Mulher Hoje: Visão de Mulheres Que Não Desejam Ter Filhos. **Psicologia e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/4gj5xxSFGxWmzmWBq3r534Q/?lang=pt>>. Acesso em: 22 de abr. 2021.

BERLINCK, Manoel T.. As Bases do Amor Materno, Fundamento da Melancolia. **Ver.latinoam.psicopatol.fundam**, São Paulo, vol.17, n.3, jul-set. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142014000300403>. Acesso em: 12 nov.2020.

BORSA, Juliane C.; NUNES, Maria L. T. Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 64, 2011. Disponível em:<https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Aspectos+psicossociais+da+parentalidade%3A+O+papel++de+homens+e+mulheres+na+fam%3%ADlia+nuclear&btnG=#d=gs_qabs&u=%23p%3DZ__Wa9FMY-IJ>. Acesso em: 03 de set. 2021.

CÂMARA, Cátia C. R. Maternidade e Espiritualidade: aspectos simbólicos. **Paralellus**, Pernambuco, v.6, n.13, 2015. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/573/612>>. Acesso em: 7 de maio de 2021.

CHAUÍ, Marilena. **Notas sobre Utopia**. Ciência e Cultura., Jul 2008, vol.60, no. spe1, p.7-12. ISSN 0009-6725. Disponível em:< <http://cienciaecultura.bvs.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

ECHER, Isabel C.. A Revisão de Literatura na Construção do Trabalho Científico. **Rev. Gaúcha Enferm**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 2-50, jul. 2001. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/15496314-A-revisao-de-literatura-na-construcao-do-trabalho-cientifico-literature-review-in-a-scientific-work.html>>. Acesso em: 20 out. 2021.

FIDELIS, Daiana Q.; MOSMANN, Clarisse P. A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos. **Aletheia**, Canoas, n. 42, dez. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942013000300011. Acesso em: 22 de abr. 2021.

GABATZ, Ruth I. B. *etal*. A Violência Intrafamiliar Contra A Criança E O Mito Do Amor Materno: Contribuições Da Enfermagem. **Rev Enferm UFSM**. Santa Maria, v.3, p. 563-562. 2013. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/index.php/reufsm/article/view/10990/pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

GRADVOHI, Silvia M. O.; OSIS, Maria J. D.; MAKUCH, Maria Y. Maternidade e formas de maternagem desde a idade média a atualidade. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v.18, n.1, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100006>. Acesso em: 7 de maio de 2021.

LEITE, Gisele. **Em Busca da Definição do Amor Materno**. Disponível em: <<https://www.jornaljurid.com.br/colunas/gisele-leite/em-busca-da-definicao-do-amor-materno>>. Acesso em: 12 nov. 2020.

MACHADO, Jaqueline S. de A.; PENNA, Cláudia M. de M.; CALEIRO, Regina C. L. Cinderela de Sapatinho Quebrado: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v.43, n.123, p. 1120-1131, out-dez. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/gNVpQTVHSW8GhbjfhbsNv8K/?lang=pt>>. Acesso em: 09 de ago. 2021.

MAGALHÃES, Mariana M.. **Sobre a Obrigatoriedade do Amor Materno: Um Estudo com Mulheres que optaram por não ter Filhos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Departamento de Psicologia do Centro de Ciências Humanas e Teologia da PUC-Rio. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/19962/19962_3.PDF>. Acesso em: 16 abr. 2021.

OLIVEIRA, Cibele R.; TRAESEL, Elisete S. Mulheres, trabalho e vida familiar: A conciliação de diferentes papéis na atualidade. **Ciências da saúde**, Santa Maria, v.9, n.1, 2008. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=mulher%2C+trabalho+e+vida+familiar&btnG=#d=gs_qabs&u=%23p%3DLiHbd-Ame40J. Acesso em: 22 de abr. 2021.

POLAK, José A. R.. **Era Uma Vez, Uma Utopia... Calunga: Um Romance Utópico**. 2010. Dissertação (pós-graduação em Letras) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/35032>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

TOURINHO, Julia G. A mãe perfeita: idealização e realidade. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v.3, n.5, ago. 2006. Disponível em: <http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/12>. Acesso em: 23 de abr. 2021.

VASQUES, Georgiane. Maternidade e Feminismo: Notas Sobre Uma Relação Plural. **Trilhas Da História**, Tres Lagoas, v. 3, n.6. jan-jun. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/472>>. Acesso em: 02 out. 2021.